



F-16M

Alpha Jet sobrevoando a Base Aérea nº 11, em Beja





# REAL THAW<sup>15</sup>

Texto Tenente-Coronel PILAV Carlos Lourenço  
Fotos SDFA/CAVFA

Uma vez mais a Força Aérea Portuguesa (FAP), através do Comando Aéreo (CA), planeou, conduziu e concretizou o seu exercício anual Real Thaw. Nesta sétima edição, o Exercício decorreu na Base Aérea nº 11 (BA11), em Beja, entre os dias 23 de fevereiro e 6 de março de 2015. Executado num ambiente conjunto multinacional, o seu objetivo principal continua a ser o treino, preparação e certificação das várias unidades e subunidades (UN) da Força Aérea, visando a sua projecção para um Teatro de Operação (TO). Ao nível tático, o Exercício está focado na integração e interoperabilidade das várias forças, de forma a proporcionar-lhes os requisitos de treino adequados à persecução das qualificações necessárias para a execução das missões que têm atribuídas e, com este desígnio, envolvê-las num espetro de missões o mais realista e abrangente possível.



Os AS-550 *Fenice* da Esquadra Dinamarquesa de Helicópteros





E-3A AWACS



ALIII da Esquadra 552



Embarque de militares no C-130H

## A BA11 COMO CASA DO RT15

**P**ela primeira vez na sua história, o Exercício Real Thaw mudou a sua sede para a BA11. Sendo uma decisão arrojada, atendendo à inexperiência da Base em receber este tipo de eventos (relembro que o último grande evento que a BA11 albergou foi o Tiger Meet 2002), revelou-se muito acertada. Na verdade, se atendermos que ainda durante o presente ano a BA11 receberá dois grandes exercícios (EATT15 – Exercício de transportes sob a égide da Agência Europeia de Defesa e o TRJE15 – Exercício NATO no âmbito da certificação da Nato *Response Force* 2016), o RT15 foi o evento ideal para exercitar as dinâmicas inerentes à gestão do Exercício nas diferentes áreas. O resultado final foi muito positivo, mas esse desfecho só foi possível alcançar em resultado de dias de trabalho longos e de muita azáfama.

Foi neste contexto que a BA11 funcionou como *Deployable Operating Base* (DOB) para todas as unidades participantes. Na execução das missões, as aeronaves descolaram diariamente para as áreas de treino, regressando posteriormente à Base. Com este modelo pretendeu-se maximizar as coordenações inerentes a cada uma das missões, bem como assegurar um *briefing* e *debriefing* com a participação de todos os intervenientes, dando assim ênfase aos aspetos de segurança e às lições aprendidas.



P-3C

## A PARTICIPAÇÃO NO RT15

O Real Thaw mantém-se alicerçado em critérios sólidos de competência e profissionalismo, pelo que, mais do que a participação dos meios nacionais, contamos com várias solicitações internacionais para a sua frequência. Esta circunstância é essencial para o crescimento das nossas Unidades, porque facilita a permuta de experiências com militares e meios de outras Forças Aéreas, induzindo com isso uma evolução tática na execução das suas missões.

Na presente edição esteve inicialmente prevista a participação de dois países das *European Participating Air Forces (EPAF)*<sup>1</sup>, Bélgica e Dinamarca, com Esquadras de aviões F-16M. No entanto, a situação acabou por ficar comprometida porque ambos os países se envolveram na operação contra o Estado Islâmico. Liderada pelos Estados Unidos da América, a Aliança conta com a participação de 60 países, 14 dos quais com participação ativa na campanha aérea.

Apesar destas desistências, este ano contamos com presenças significativas de meios aéreos espanhóis, nomeadamente o EF2000 *Eurofighter*, o F-18 *Hornet* e o C-295 *Airbus*. Para além destes, contamos ainda com a presença da Esquadra 724, que opera o helicóptero AS-550 *Fenne*, sedeadada na Base Aérea de Karup, Dinamarca. A Esquadra destacou para Portugal com quatro helicópteros e cerca de 60 militares. Durante a primeira semana operou a partir de Beja, em estreita interação



F-16M

Controladores Aéreos Avançados







O *Distinguish Visitor Day* teve lugar no dia 3 de março com a visita do Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, General José Pinheiro, estando também presentes o Chefe do Estado-Maior da Armada, Almirante Luís Macieira Fragoso, e o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Carlos Hernandez Jerónimo.

Durante a visita os Chefes dos três Ramos puderam assistir ao *debriefing* tático das missões, seguir a ação dos militares e conhecer a Sala de Operações e os hangares onde se encontravam as aeronaves empenhadas pela Força Aérea.



- A Esquadra Dinamarquesa de Helicópteros com quatro AS-550;
- Equipas FAC dos Estados Unidos e da Holanda.

#### Meios de Suporte

- O avião E-3A NATO AWACS, que tem como missão a deteção de alvos aéreos.

### CENÁRIO DO EXERCÍCIO

Nesta série de exercícios, o cenário desenvolvido permite à Força Aérea treinar e qualificar as suas unidades nas missões que lhes estão cometidas bem como desenvolver novas competências à luz da análise feita aos últimos focos de conflito.

Assim, simulando-se uma entrada de uma força multinacional num Estado em colapso, onde o confronto com forças convencionais e/ou insurgentes é iminente, o cenário permite desenvolver várias operações em simultâneo, cobrindo um espectro alargado de missões, que vão desde missões de apoio à paz e ajuda humanitária, até missões mais bélicas de combate a situações de insurgência e estabilização da paz.

Dentro do espectro de operações realizadas com apoio dos meios aéreos, destacam-se as seguintes:

- Destruição/neutralização de alvos pré-planeados com apoio de F-16;
- *Convoy Operations*, deslocação de forças motorizadas com proteção de aviões de combate F-16, helicópteros AS-550 e ALIII;
- Infiltração de forças terrestres em território inimigo, por via aérea, através de he-

com os restantes meios, mas na segunda semana, juntamente com a Esquadra 552, ALIII, estabeleceu uma *Forward Operating Base* (FOB) no Aeródromo Civil de Seia.

Assim, participaram no exercício:

#### Meios Portugueses

- As Esquadras 201/301 com 8x4 F-16M;
- A Esquadra 103 com quatro AJet;
- A Esquadra 501 com C-130 (avião de transporte);
- A Esquadra 502 com C-295 (avião de transporte);
- A Esquadra 552 com ALIII (helicópteros táticos);
- A Esquadra 601 com P-3C (avião com missão *Intelligence, Surveillance and Reconnaissance*);
- A Esquadra 751 com EH-101 (helicópteros de transporte);

- O *Control and Reporting Center* (CRC "BATINA");

- A equipa de *Forward Air Control* (FAC) da FA;

- A equipa da Unidade de Proteção da Força (UPF) da FA;

- O Exército através da Brigada de Reação Rápida (Paraquedistas, Comandos e Operações Especiais) e da Brigada Mecanizada;

- A Marinha através de uma Força Naval, do seu Corpo de Fuzileiros e do Destacamento de Ações Especiais (DAE).

#### Meios Aliados

- A Esquadra Espanhola de EF2000 com quatro aviões;

- A Esquadra Espanhola de F-18 com quatro aviões;

- A Esquadra Espanhola de C-295 com um avião;



AS-550

licópteros EH-101 e AS-550, bem como, aeronaves C-130 e C-295;

- Apoio a operações de infiltração e exfiltração de forças terrestres através de aviões F-16;
- Controlo de áreas de operação (e.g. aeródromos, instalações) através de F-16, AS-550, ALIII, C-295 para a evacuação e resgate de um determinado grupo de pessoas, missões NEO;
- Operações de ISR com F-16 e P-3C, na recolha de informação e monitorização do campo inimigo.

## O FUTURO DO REAL THAW

A sua continuidade é essencial para a Força Aérea, não só para garantir um elevado nível de prontidão e competência técnica, mas essencialmente para acautelear o crescimento e consolidação tática das Unidades Aéreas. Para além do treino operacional, a sua realização é ainda decisiva na manutenção do moral das pessoas envolvidas, pois motiva-as e estimula o seu profissionalismo e espírito de missão.

Sendo os recursos económicos e humanos cada vez mais escassos, é objeto de um planeamento meticuloso visando rentabilizar todas as componentes de treino, em especial aquelas onde estão envolvidos meios aéreos. No entanto, consciente dos custos envolvidos na sua execução, mas também da qualidade e quantidade do treino obtido, é insofismável que as horas de treino executadas durante o Real Thaw são exponen-

cialmente mais valiosas do que aquelas realizadas em qualquer outro contexto.

Consequentemente, sendo a participação das nossas Esquadras em eventos no exterior cada vez mais difícil, a realização de exercícios de grande dimensão em território nacional ganha cada vez maior importância. Estas também são premissas inerentes à execução do Real Thaw, os custos mais significativos serão sempre suportados pelas forças estrangeiras, uma vez que se deslocam a Portugal, sendo que a Força Aérea assegura às suas Esquadras a participação num bom exercício a baixo custo e com isso garante o seu treino, preparação e certificação, de forma a capacitá-las a cumprir empenhamentos futuros.

Para além dos objetivos operacionais, também não é negligenciável a mais-valia financeira da realização destes eventos em Portugal, uma vez que, sendo responsáveis por trazer ao nosso país militares estrangeiros, estes contribuem de forma significativa para a dinamização económica da região onde se realizam.

## O SÉTIMO REAL THAW

Estamos orgulhosos por, neste ano de 2015, termos celebrado o seu sétimo aniversário, mormente porque consideramos ter atingido um patamar de excelência em várias áreas e, com isso, termos alcançado um lugar de destaque no panorama nacional e internacional.

Sendo a sua realização um desafio esti-

mulante, onde gostamos de colocar toda a nossa energia, o Exercício só é possível porque conta com uma equipa empenhada, que executa cada tarefa de forma generosa e abnegada, que fomenta a cooperação e que se embrenha, desde o primeiro dia, na sua concretização. Revejo nestas palavras “a minha equipa”, consciente que só a excelência das partes dita a excelência do todo.

Fizemo-lo à nossa maneira convictos que a nossa vontade, o nosso empenho e o nosso compromisso nos obrigaram muitas vezes a superar as nossas próprias expectativas, mas seguros que, na partilha dessa responsabilidade, não admitimos meios-termos, “ou se faz uma coisa bem feita ou não se faz”.

Podem estar orgulhosos, fizemos e fizemo-lo bem. ✚

<sup>1</sup> Comunidade de países Europeus (Bélgica, Dinamarca, Holanda e Noruega) que como Portugal operam o F-16M. Esta comunidade partilha, de forma coordenada, os custos do desenvolvimento do avião F-16M, garantindo assim total compatibilidade na operação do avião e diminuindo significativamente os custos associados a esse desenvolvimento. Por outro lado, a comunidade criou ainda o conceito *European Expeditionary Air Wing* (EEAW) que, no mesmo domínio, tenta explorar sinergias/cooperação de meios materiais e humanos nas áreas do treino, exercícios ou mesmo operações. Resumidamente, o móbil é, na execução destes eventos de treino ou mesmo em operação, poder partilhar recursos materiais (equipamentos, transportes e outros), bem como recursos humanos (equipas de trabalho, equipas mistas e pilotos).